

OS BRILHOS  
DO  
INVISÍVEL  
A ARTE NA REALIZAÇÃO SACERDOTAL

SEMINÁRIO MAIOR DE VISEU 24 de Abril a 31 de Julho de 2010

Departamento dos Bens Culturais  
Diocese de Viseu  
2010

# 12. Resplendor de altar, Cardióforo Glória do Sagrado Coração de Jesus

## **Autoria / Centro de produção**

Autor desconhecido/ Portugal

## **Cronologia**

Século XVIII, 2ª metade

## **Material e técnica**

Madeira policromada

## **Dimensões**

67 x 42,5 cm

## **Proveniência**

Igreja da Ordem Terceira de Nª Srª do Carmo

## **Propriedade**

Ordem Terceira de Nª Srª do Carmo, Viseu

## **Conservação e Restauro**

Carla Roçado

## **Fotografia**

Paulo Choupeiro

## **Bibliografia**

FURTADO, Basílio Joaquim Francisco - *Sagrado Coração de Jesus: história e teologia da sua devoção*. Goa: [s.n.], 1983.  
SILVA, Amaro Carvalho da - *O Bom Jesus do Monte das Mós: Martins Capela e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus*. Lisboa: Sep. de *Lusitania Sacra*. 2ª série, 8/9, 1996-1997.  
Igreja Católica. Papa, 1939-1958 (Pio XII) - *Carta Encíclica sobre o culto do Sagrado Coração de Jesus*. Eugénio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli. Lisboa: União Gráfica, 1956.  
PADRÃO, Avelino da Costa Moreira - *O culto da imagem do sagrado coração de Jesus*. Porto: ed. M. A. Lur. Simões Lopes 1931.



Alegoria radiante ao Sagrado Coração de Jesus, composta pela representação simbólica do coração sofredor e amante de Cristo (chamejante e cingido da coroa de espinhos), orlado de cabeças de querubim dispostas sobre nuvem, aureolado por resplendor de ouro e sustentado por anjo (extático) genuflectido sobre nuvem. Integra-se numa produção de dispositivos análogos, destinados a ornar o trono eucarístico quando não utilizado para efeitos da respectiva exposição, que conheceram voga nos finais do século XVIII e transição para o XIX, em sintonia com a difusão do culto em que se integram.

Com origens remotas no Brasil e na devoção particular de José de Anchieta, o culto, em cuja militância se destacariam os Jesuítas, conheceria difusão europeia, mas difícil e lento reconhecimento canónico. Assim, irradiando paulatinamente, a coberto da protecção de místicos e prelados, sobretudo no decurso do século XVII, viria a obter acolhimento por parte de algum episcopado de Espanha, Hungria e Polónia, bem como dos respectivos soberanos, fomentando a generalização de grupos de piedade (em associação progressiva ao Coração de Maria), em boa parte escorados nas revelações de Santa Margarida Alacoque e na própria rede da Ordem da Visitação.

A instituição da festa litúrgica, porém, a despeito das contínuas insistências e das elevadas protecções de que ia gozando, encontraria forte resistência nas instâncias canónicas, arrastando-se a causa por quase um século, até, finalmente, em 1765, ser aprovada pela Congregação dos Ritos, com limitação, porém, à Polónia, a Espanha e, em Roma, à Arquiconfraria do Sagrado Coração, entretanto fundada. Seguir-se-ia um movimento transversal de reivindicação da permissão do culto, o qual, todavia, se confrontaria com a firme oposição dos Jansenistas.



Esta razão (havida conta ao impacte das suas doutrinas em Portugal durante o reinado de D. José I), bem como a sua relação com uma piedade mais intimista e fervorosa e, bem assim, o necessário enfrentamento com o avanço das ideias laicistas, estará na origem do empenho de D. Maria I, logo em 1777 — data da súplica que endereça a Pio VI (o qual *benigne annuit*) — na difusão do novo culto em Portugal, ao qual dedicaria, aliás, a nova basílica e convento carmelita que funda no sítio da Estrela (Lisboa) e constituiria a principal fundação pia do seu reinado. Na sua esteira, a nova legislação (1796) regulamentadora das ordens honoríficas nacionais, colocá-las-ia igualmente sob a protecção do Coração de Jesus, cuja emblemática se sobrepõe, doravante e até à extinção da Monarquia, à simbologia das respectivas veneras. A presente glória, esteticamente enquadrável no último quartel do século XVIII, inscreve-se neste movimento. Constitui, todavia, objectivo produto de uma oficina regional, fortemente ancorada nas estratégias cenográficas do Barroco, mas limitada nos recursos do desenho e composição, como se comprovará no patente desequilíbrio que marca a figura do anjo portante. O seu carácter de representatividade em relação ao fenómeno místico que integra, uma frescura cromática já denunciadora de uma sensibilidade rococó e mesmo e seu próprio sabor periférico, tornam-na credora de objectiva atenção.

António Filipe Pimentel